



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## O RENDIMENTO ESPORTIVO EM UM PROGRAMA SOCIAL DE LAZER: O QUE ESTA “EM JOGO” NOS JOGOS

André Lazzari

Flávio Py Mariante Neto

### RESUMO

*Este trabalho teve por objetivo compreender o significado do rendimento no programa social Em Cada Campo uma Escolinha (ECCE). Foi realizada uma etnografia no período de janeiro de 2012 a fevereiro de 2013. As análises permitiram entender que há uma heterogeneidade de sentidos atribuídos ao tema. Concluímos que há uma constante negociação entre os preceitos educacionais e o aparelho disposicional que constitui os atores sociais envolvidos.*

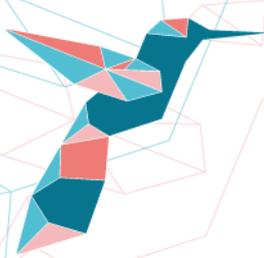
*PALAVRAS-CHAVE: Lazer, Rendimento, Etnografia, Futebol*

### INTRODUÇÃO

O cenário que circunscreve este estudo é o programa social “Em Cada Campo uma Escolinha” (ECCE), coordenado e supervisionado pela Gerência de Futebol da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME), da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA). O programa, desenvolvido especialmente em campos de futebol localizados em comunidades e vilas da capital gaúcha, atende a crianças e adolescentes entre 07 e 15 anos de idade – sendo o público-alvo designado pelos gestores sociais como “mais carentes” ou em situação de “vulnerabilidade social”<sup>1</sup>. Para além de conceber o esporte como “um instrumento de educação” (DC, 15/05/2012), como bem menciona um dos coordenadores do programa social, tal iniciativa tem ainda por objetivo promover a inclusão e a integração social dos participantes através da prática lúdica do futebol (ECCE, 2012) e, assim, fazer dos espaços/tempos do programa, momentos de Lazer aos seus participantes.

---

<sup>1</sup> Muitas expressões são usadas para designar o público atendido no cenário de programações/projetos sociais, ou seja, quando gestores e agentes sociais se referem a crianças e adolescentes em situação de pobreza. Expressões como “risco social”, “mais carentes” e, no caso do projeto em estudo, “vulnerabilidade social”, se fazem presentes no linguajar dominante acerca do desenvolvimento de ações e políticas sociais que tem (mas não apenas) no esporte uma de suas estratégias de intervenção (GUEDES *et al.*, 2006; HECKTHEUER, SILVA E SILVA 2009; THOMASSIM, 2010). Esta visão requer alguma discussão, visto que sugere um olhar homogêneo tanto em relação à população atendida, quanto ao contexto social dos quais são oriundas.



O que apresentamos neste trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado acadêmico concluído em 2013 e desenvolvido por um dos autores, em que se procurou problematizar as *articulações* (e imbricações) existentes entre distintos atores sociais (coordenadores– professores –, orientadores das escolinhas, crianças e adolescentes) e a *heterogeneidade de expectativas* que estes apresentaram ao significarem o envolvimento com as atividades do programa relacionadas à prática futebolística.

A partir de um olhar “*de perto*” e “*de dentro*” (MAGNANI, 2009), a realidade do projeto social investigado provocou-nos um *estranhamento* no que se refere aos sentidos atribuídos ao rendimento. Assim, mesmo o fato de as atividades do programa social se constituírem num espaço de lazer para as crianças, adolescentes, orientadores de escolinhas e demais pessoas ligadas às comunidades e, isto, também fazer parte das expectativas do programa social, eram observados significados atrelados à valorização do rendimento e ao resultado esportivo. Portanto, “ganhar as partidas”, “vencer os jogos”, eram expressões que estavam constantemente imbricadas com as ações das crianças e dos adolescentes e dos orientadores das escolinhas e que, em maior ou menor grau, justificavam (dentre outros aspectos) o envolvimento destes no contexto do referido programa social.

Assim, a intenção deste trabalho é imprimir em suas linhas um tom vinculado a *compreender o significado do rendimento e da busca pelo resultado esportivo ao olhar dos distintos atores sociais vinculados ao programa, seja a partir das representações dos integrantes (crianças, adolescentes e orientadores) das escolinhas de futebol ligadas às comunidades, seja pela visão de sua coordenação (professores da SME).*

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho, de natureza qualitativa, buscou realizar um esforço no sentido de compreender o cenário de um programa social esportivo constituído de escolinhas de futebol. Dirigidas na sua grande maioria por líderes comunitários e presentes em seus coletivos crianças e adolescentes de classe popular, buscou-se explorar as potencialidades da etnografia, que se pauta por uma análise cultural e aprofundada de um universo social em específico (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1986).

A partir desse pressuposto teórico, teve-se acesso a “experiências, interações e documentos em seu contexto natural” (ANGROSINO, 2009, p.9). O estudo etnográfico mostrou-se bastante indicado por possibilitar ao pesquisador “mergulhar” no terreno, “ao



mundo público da vida comum” (GEERTZ, 1989, p. 40). Desta forma, passamos a registrar as atividades e a sequência dos acontecimentos em um *diário de campo*<sup>2</sup> e a produzir informações pela *observação participante*<sup>3</sup>.

No período de janeiro de 2012 a fevereiro de 2013, foram realizadas observações e descrições das práticas do programa social em todos os *espaços de funcionamento* que o compunha, a saber: as reuniões, as competições (jogos regionais e jogos abertos – fase municipal) e os treinamentos. O resultado deste *exercício etnográfico* foi a elaboração de 50 diários, incluindo: participações como mesário nas *competições*, auxiliar nas *reuniões* e preparador físico de uma das escolinhas nos *treinamentos*. Bases documentais referentes ao projeto também foram “alvo” de análise, assim como entrevistas semiestruturadas foram realizadas junto às crianças e adolescentes, orientadores das escolinhas e os coordenadores do programa social a fim de complementar os dados obtidos através das observações e dos materiais impressos e/ou digitalizados.

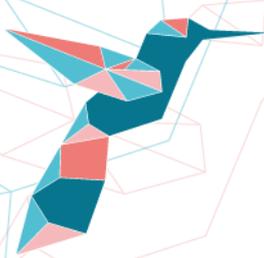
## O RENDIMENTO ESPORTIVO NO LAZER: O QUE ESTAVA “EM JOGO” NOS JOGOS

As competições denotavam uma mudança de comportamento, tanto nas atuações das crianças e dos adolescentes, quanto na participação dos orientadores das escolinhas. Costumeiramente, os coordenadores do projeto designavam as *competições* como o “momento mais tenso” (DC, 12/08/2012) do programa. Por trás de tal definição estaria a intenção de justificar aquilo que estava materializado nas ações das crianças, adolescentes e dos próprios orientadores das escolinhas de futebol naquele espaço/tempo do Programa ECCE. Extratos de diários de campo vão ao encontro daquilo que pretendo expor nas linhas

---

<sup>2</sup>Instrumento mais básico de registro de dados do pesquisador (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000, p. 73). Nele, foram anotadas todas as informações, experiências e sequência de acontecimentos vivenciados em campo, considerados relevantes para alcançar os objetivos deste trabalho. Primeiramente, escritas, rabiscadas num caderno de notas em forma de tópicos e, em seguida, digitalizadas no formato de um texto corrente. Estas informações foram salvas em arquivos, pastas, para, de forma recorrente, serem lidas (releídas), enfim, alvo de constante apreciação acadêmica por parte do pesquisador.

<sup>3</sup>Parte essencial do trabalho de campo, a *observação participante*, neste estudo, é entendida como um processo no qual o pesquisador “fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente” (MINAYO, 2008, p. 70).



que seguirão: a questão da valorização do *rendimento*, a busca pela vitória, enfim, o que estava “em jogo” nos jogos.

Algumas declarações sustentam a forma como o resultado esportivo era valorizado nas competições. A título de exemplo, trago a falado orientador da escolinha A, ao justificar suas reclamações junto à arbitragem, durante uma das partidas da fase municipal. Cristian diz: “reclamar é normal, faz parte, mesmo que não se tenha tanta razão, está dentro do contexto do futebol né professor. Uma *pressãozinha* é normal, faz bem” (DC, 04/08/2012). Noutras situações, outros indicativos do sentido apresentado pelos orientadores.

“vamos Vitor, está andando em campo”, “chega junto!”, “vamos, marca!”, “Agora volta né!”, são expressões corriqueiras mencionadas pelo orientador Lucas, da Escolinha E. Ao mesmo tempo em que gesticula e caminha à beira do campo. Em vários momentos, entra em campo para passar instruções, ignorando os limites de circulação e, portanto, a existência do que seria a área técnica (DC, 21/07/2012).

Luciana, orientadora da escolinha B, também participa ativamente. Ouço junto dela à beira do campo repetidas vezes a seguinte frase: “*vamos lá galera*”. Cobra de seus meninos um melhor posicionamento em campo. “cadê o meio, o meio está aberto” (DC, 20/10/2012).

O “querer ganhar” estava evidenciado nessas ocasiões, durante o desenrolar dos jogos. Em outro momento, nas finais da fase regional das competições, o orientador da escolinha A dirigiu-se assim a seus meninos: “Pessoal, agora é sério né gente. Vamos ‘jogar na bola’, mas procurar ir pra frente e tentar ganhar, se possível. Toquem a bola com calma e cuidem a marcação e o posicionamento em campo” (DC, 04/08/2012).

Tal valorização ao rendimento ia de encontro à lógica apregoadada pelo ECCE. Seus discursos estavam centrados no sentido de um “futebol-participação”, com o objetivo de promover a “integração” e a “inclusão” dos participantes, bem como se constituir em espaço de lazer (GERÊNCIA DE FUTEBOL, 2012a). Não supervalorizar o rendimento era a linguagem dominante que ecoava no contexto do projeto, por mais que o reconhecessem, pois “competir é inerente ao ser humano” (DC, 24/10/2012), como bem referiu um dos coordenadores. Por outro lado, a busca pela vitória nos jogos, era algo notável no comportamento dos orientadores e nas ações das crianças e dos adolescentes e também por aquelas que dispunham, especialmente, de habilidade esportiva.



Os embates e os lances travados *na bola*, com e até mesmo sem ela, a forma como as equipes atuavam a partir do instante em que a bola se fazia rolar pelos campos de areia ou de terra batida, parecia não exprimir a expectativa educacional colocada pelo programa social. Situação exemplar ocorreu durante as finais da fase municipal.

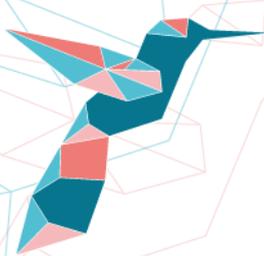
Em meio ao segundo tempo de jogo, a equipe de arbitragem encerrou a partida antes do seu término. Neste momento, a escolinha E vence o jogo da escolinha B, de virada, por 2 a 1. O encerramento se deveu ao fato de o jogo começar a ter jogadas mais ríspidas, com entradas e confrontos mais duros e viris entre os jogadores das equipes da categoria infantil. Os coordenadores do programa ao observarem como estava o “clima” no jogo, no mesmo instante, pediram de forma sutil e gesticulando em direção ao árbitro, para que o mesmo encerrasse a partida (DC, 18/12/2012).

Afastando-se da intenção de questionar se o programa estava ou não atingindo suas expectativas e objetivos, este estudo procurou distanciar-se da possibilidade de estabelecer uma relação de causa-efeito nas experiências proporcionadas às crianças e aos adolescentes e na atuação dos orientadores das escolinhas. Por assim dizer, se havia uma lógica educativa explicitada pelo programa<sup>4</sup>, uma outra, com sentido e distinta daquela, era evidenciada pelas crianças, adolescentes e pelos orientadores. Havia, portanto, um significado para as crianças e para os líderes das equipes agirem da forma que agiam, significado este, enredado ao olhar de sua própria cultura, pois eles têm o *sentido do jogo*, produto de um *patrimônio disposicional*<sup>5</sup> inerente não apenas à realidade social dos quais são oriundos, mas também fruto das relações sociais que estabelecem nos seus mais variados e plurais espaços sociais que podem ou não compor o universo social deles.

Nos momentos de disputa, durante as competições, o resultado esportivo colocado em primeiro plano, fazia com que os meninos disputassem os lances do jogo com muita concentração, seriedade e vigor, lembrando, numa certa medida, o futebol praticado profissionalmente. Os gestos, os movimentos e a desenvoltura apresentada em campo, durante as partidas, refletiam um determinado nível de comprometimento que estavam igualmente implicados a um dado *grau de rendimento*.

<sup>4</sup> Aquilo que entendem ser “adequado”, “positivo”.

<sup>5</sup> Segundo Bernard Lahire (2002), esta noção sugere que o ator social é um sujeito plural, onde ele se socializa tendo como referência uma pluralidade e uma heterogeneidade de disposições incorporadas ao longo de seus processos de socialização, não agindo ou construindo suas práticas e experiências seguindo um princípio único norteador, isto é, baseando-se num conjunto de disposições homogêneas. Ao contrário, para o autor, os indivíduos fazem uso de uma grande variedade de referências disposicionais, às vezes incoerentes ou, até mesmo, contraditórias; dada à multiplicidade de saberes incorporados, de experiências vividas e dos papéis interiorizados por eles.

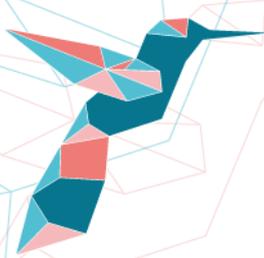


O que pretendo dizer com isso? Quando faço referência de que as crianças e os adolescentes apresentavam um determinado nível de rendimento, tenho a intenção de lançar mão de algumas perspectivas de análise sobre esta categoria. Para tanto, as reflexões estabelecidas nos estudos de Stigger (2005; 2009) me ajudam a pensar e, igualmente, dar sentido aos significados evidenciados pelos meninos e pelos orientadores das escolinhas. Ao analisar três grupos de praticantes de esportes e as lógicas que constituíam aquelas práticas na cidade do Porto, em Portugal, Stigger trouxe considerações importantes no que se refere a uma de suas categorias de análise: o *rendimento esportivo*.

Especialmente em relação aos grupos do *Castelo* (voleibol) e *Caídos na Praia* (futebol) investigados, inferiu que mesmo que seus integrantes – entre adultos e jovens – não expressassem “interesses relacionados com o rendimento, com a *performance*” (STIGGER, 2009, p. 115), os interlocutores destacaram que possíveis postulantes a ingressarem nos seus coletivos, deveriam apresentar um rendimento mínimo desejável. Ou seja, se naqueles contextos sociais “as competições desenvolvidas aconteciam de forma que o resultado esportivo recebia um valor secundário entre os participantes” (STIGGER, 2005, p. 91), almejava-se de um companheiro de grupo condições mínimas de rendimento esportivo, com vistas a possibilitar tanto o acesso destes às práticas esportivas, quanto fundamentalmente promover o equilíbrio no andamento dos jogos. Assim,

É nesse sentido que no esporte praticado pelos grupos estudados os indivíduos estavam em oposição na competição esportiva, mas não eram adversários numa situação de isolamento e/ou numa forma de conflito negativo: eles estavam em condição de companheiros adversários, já que complementavam-se e formavam um tipo de sociabilidade fundada numa relação de cooperação pela oposição (STIGGER, 2005, p. 91).

No cenário das competições do ECCE, a condição de apresentar um *rendimento mínimo* satisfatório nas atividades esportivas ganhou, por um lado, os mesmos contornos daquelas competições, porém, destoou do que de fato estava “em jogo” nas disputas. No caso do projeto, para além da expectativa de aceder às equipes, a busca pelo *resultado esportivo* nos jogos se constituiu num fator preponderante. Tais aspectos encontraram sustentação, quer nas atitudes de alguns participantes – entre crianças, adolescentes, orientadores e outros integrantes das equipes vinculados às comunidades – quer em algumas ocasiões observadas, materializadas em estratégias adotadas no transcorrer dos jogos.



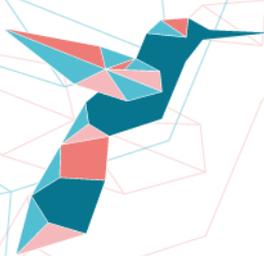
Por essas ideias, produzir esportivamente era algo buscado. Nesse sentido, a fala da orientadora Luciana da escolinha B confirma tal postura das crianças: “elas mesmas às vezes acabam escolhendo quem deve jogar ou não. Quem não joga bem, acaba muitas vezes não participando dos jogos, daí a gente tem que cuidar disso” (DC, 01/12/2012). Assim, as crianças e adolescentes valorizavam aqueles colegas que apresentavam um bom desempenho esportivo dentro de campo e as avaliações eram feitas constantemente entre elas mesmas durante as competições e até mesmo nos treinamentos.

Portanto, não raras vezes certos questionamentos eram direcionados a certos companheiros de equipe. A par dessas situações, ter um *rendimento mínimo* e, por consequência, a partir dele obter resultados (vencer as partidas) representava tanto a possibilidade de alguma criança acessar e permanecer nos coletivos de uma determinada escolinha, como também a chance dela ser escalada nos jogos. É nesse sentido que trago as próximas “passagens” de campo. A postura demonstrada por parte de algumas crianças e/ou adolescentes ao dirigirem-se ofensivamente aos juízes e seus assistentes durante os jogos refletem isso.

Após a assistente não ter dado impedimento num lance que acabou resultando em um gol da Escolinha I (da região sul do ECCE), um dos meninos da Escolinha B foi até à beira do campo reclamar perto da assistente pelo lance. O número 10, da equipe, ofendeu verbalmente a bandeirinha com palavrões, por alguns segundos e foi expulso de campo pelo árbitro da partida (DC, 20/10/2012).

Além disso, isto se refletia na postura e na intensa participação dos orientadores à beira do campo e pelas estratégias que, por vezes, acionavam no desenrolar das disputas. O envolvimento de outros integrantes (auxiliares) das equipes denotava também a lógica alinhada à obtenção do resultado esportivo. As situações relatadas abaixo revelam isso.

Para o próximo jogo, assumo a função de mesário. Começo a pegar os documentos das crianças. O jogo é entre as Escolinhas C e D. No preenchimento da súmula, os documentos que são apresentados estão corretos. A data de nascimento das crianças corresponde à categoria em questão: a pré-mirim. No entanto, observando as equipes em campo, o professor Renato, nota, juntamente comigo, que o orientador da escolinha D escalou meninos fora da idade permitida, pois desconfiamos do tamanho e estrutura física de alguns dos meninos escalados. Até digo: “*Nas carteirinhas, os anos estavam corretos*”. Renato, com um sorriso no rosto confirmaria a situação. No mesmo instante, pega os nomes deles e vai conferir as fichas de inscrições das categorias maiores para conferir se estão inscritos nelas. Ao retornar, confirma a irregularidade. Esta situação revela que os documentos (Carteirinha) apresentados a mim estavam adulterados,



com as datas de nascimento alteradas. Segundo o orientador da Escolinha C, Alceu, ao falar próximo à mesa onde estávamos, diz que *“só pelo tamanho dos meninos dá para perceber que são maiores, olha lá!”*. (DC, 02/06/2012).

O diário de campo acima reflete as diferentes lógicas e sentidos atribuídos às competições. A escalação de meninos que não pertenciam à categoria em questão denota a aceção que os jogos tinham para o orientador em questão: o de querer vencê-los. Algo mais notável aconteceu em uma das rodadas em que estava desempenhando a função de mesário.

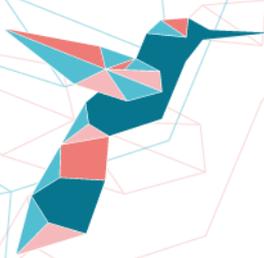
A Escolinha L, da orientadora Olívia, empata e vira o jogo sobre a equipe I, em 3 a 2. Neste momento o jogo fica muito disputado. Após uma marcação de impedimento bem assinalado, em que os atacantes da Escolinha I estavam em posição irregular e que tinham a chance de empatar o jogo, aquele mesmo rapaz (integrante/auxiliar da comissão técnica) que estava do outro lado do campo ficou mais transtornado ainda com a marcação do árbitro Maurício. Reclamando da arbitragem o tempo todo e com mais este lance duvidoso sinalizado contra sua equipe, entrou em campo e tentou agredir o árbitro do jogo (DC, 14/07/2012).

Pelo excerto acima exposto, tal evento serviu para reforçar o que estava “em jogo” - algo que estava atrelado às expectativas das crianças, dos orientadores, e as demais pessoas ligadas às comunidades e suas equipes, mas incoerente com as premissas educacionais valorizadas pelo programa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos esta pesquisa nos propusemos compreender o significado do rendimento e da busca pelo resultado esportivo ao olhar dos distintos atores sociais vinculados ao programa ECCE. Encontramos, então, alguns olhares sobre o mesmo objeto. Do ponto de vista dos documentos e dos idealizadores do programa uma ótica balizada pelo caráter educacional e inclusivo do projeto social e, por outro lado, a exaltação do rendimento e do “querer ganhar” materializados no comportamento das crianças e dos orientadores. Mas, mais do que isso, encontramos uma relação de entrecruzamentos dessas óticas que, somadas, parece responder ao problema desse estudo.

Dessa forma, não queremos dizer que exista uma dicotomia programa/jogos. Não há um juízo de valor nem a alegação de que o projeto não está cumprindo seus objetivos. O maior intuito do estudo é mostrar como a heterogeneidade de “vozes” imbricadas no processo de construção simbólica do projeto é o que dá sentido à sua execução. Assim, não é possível



que a criança absorva de forma passiva os preceitos educacionais inculcados nos documentos e nas ideias dos realizadores do programa social, mas sim há uma constante negociação entre esses preceitos e o aparelho disposicional que constitui os atores sociais envolvidos.

## INCOME SPORTS IN A SOCIAL PROGRAM OF LEISURE: WHAT IS "IN PLAY" THE GAMES

### ABSTRACT

*This study aimed to understand the meaning of income in the social program in each field one Little School (ECCE). An ethnography was conducted from January 2012 to February 2013. As analysis allowed to understand that there is a diversity of meanings attributed to the topic. We conclude that there is a constant negotiation between educational precepts and dispositional device that is the social actors involved.*

*KEYWORDS: Leisure, Income, Ethnography, Football*

## DEPORTES DE INGRESOS EN UN PROGRAMA SOCIAL DE OCIO: ¿QUÉ ES "EN JUEGO" LOS JUEGOS

### RESUMEN

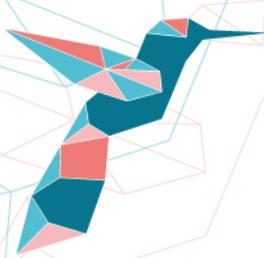
*Este estudio tuvo como objetivo comprender el significado de los ingresos en el programa social en cada campo de un Escuelita (AEPI). Una etnografía se llevó a cabo a partir de enero de 2012 hasta el análisis febrero 2013. As permitido entender que existe una diversidad de significados que se atribuyen al tema. Llegamos a la conclusión de que no es una negociación constante entre preceptos educativos y dispositivo de disposición que es los actores sociales involucrados..*

*PALABRAS CLAVE: Ocio, ingresos, Etnografía, Fútbol*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. C. **O trabalho do antropólogo**. 3. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2006.



MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GUEDES, Simoni Lahud *et al.* Projetos sociais esportivos: notas de pesquisa. 2006. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, XII, 2006, Niterói. **XII Encontro Regional de História - Usos do passado - Resumo e Programação**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. p. 92-92.

GEERTZ. C., **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.

HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcântara; SILVA, Méri Rosane Santos da; SILVA, Rose Méri Santos da. O esporte nos projetos sociais e a produção dos sujeitos vulneráveis. In: **Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos**. FRAGA, Alex Franco; MAZO, Janice Zarpellon; STIGGER, Marco Paulo; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). Porto Alegre: Gênese, 2009, p. 89-99.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**. Os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

STIGGER, Marco Paulo. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. In; STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (Org.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. 1. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2009, 103-134.

THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. **O “PÚBLICO-ALVO” NOS BASTIDORES DA POLÍTICA**: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos. Tese (doutorado) - Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Silva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.